



A República e a mulher: educação e formação na (des)construção do gênero

Júlio César Kunzⁱ – UCS

Elisa Marchioro Stumpfⁱⁱ – UFRGS

Resumo: neste artigo, propomos uma leitura feminista da obra *A República*, de Platão, com o intuito de avaliar as relações de gênero no que diz respeito à formação dos guardiões da *politeia* platônica. Pretendemos discutir se e como a educação que Platão idealiza promoveria uma formação igualitária tanto para homens quanto para mulheres. Para tanto, fazemos referência a estudos de gênero (SCOTT, 1986; BUTLER, 2003; entre outros) e a partir destes, propomos um conceito de gênero que dê conta das relações de poder encontradas na sociedade tal como descrita por Platão. Constatamos que a relação de dominação masculina é deslocada da questão sexual para a questão de classes.

Palavras-chave: educação, gênero, Platão, dominação.

Resumen: en ese artículo, proponemos un abordaje feminista de la obra *La República*, de Platón, con la intención de evaluar las relaciones de género en lo que está relacionado a la formación de los guardianes de la *politeia* platónica. Pretendemos discutir si y como la educación que Platón idealiza promocionaría una formación igualitaria para hombres y para para las mujeres. Para eso, hacemos referencia a estudios de género (SCOTT, 1986; BUTLER, 2003; y otros) y a partir de estos, proponemos un concepto de género que abarque las relaciones de poder encontradas en la sociedad descrita por Platón. Constatamos que la relación de dominación masculina es dislocada del tema sexual para el tema de relación de clases.

Palabras-clave: educación, género, Platón, dominación.

1 Introdução

O papel da educação e da escola na formação do gênero já foi amplamente estudado. Encontramos em Platão uma das primeiras propostas de ruptura do gênero e uma possível igualdade social entre os sexos através da educação igualitária para homens e mulheres e da subversão do conceito de família greco-romana (R. V). Propomos, através de uma leitura feminista do Livro V da obra A República, entender se e como a educação em Platão propõe a igualdade entre sexos e em que medida liberta a mulher da dominação masculina. Apoiamo-nos em autores que põe em questão a ideia de uma essência feminina (Beauvoir, 1976) para pensar como o papel social da mulher é construído a partir da sua natureza e em Bourdieu (2002), que nos auxilia a pensar sobre a questão da dominação masculina. Nossa leitura de Platão se dará em dois eixos. O primeiro diz respeito à definição e diferenciação da mulher e do homem em termos biológicos e o segundo concerne as reflexões sobre o papel social de homens e mulheres na polis (gênero). Para isso, fazemos uma breve contextualização teórica a respeito de questões sobre gênero, para posteriormente discutirmos a proposta de Platão em A República.

Uma análise preliminar indica que, se Platão parece romper com os rígidos lugares definidos para homens e mulheres, acaba por submetê-los a outro princípio, um bem maior, qual seja, a própria *polis*. Para que todos desenvolvam a sua *aretê*, o que Platão propõe é o que chamamos aqui de *masculinização absoluta*, onde todos os guardiões, homens e mulheres, seriam masculinos. A elevação de algumas mulheres à condição de cidadã(o) não as deixa de fora da estrutura de dominação masculina. O papel de dominado, *feminino*, caberia sobretudo aos escravos.

□2 Estudos de gênero

□2.1 Gênero vs sexo

De acordo com Thébaud (2007, p. 121), “sexo” faz referência à natureza, às diferenças biológicas entre homens e mulheres, ao passo que “gênero” remete à cultura e diz respeito à classificação social e cultural entre masculino e feminino. Enquanto o primeiro termo é percebido como invariante, o segundo varia no espaço e tempo, pois a masculinidade ou a feminilidade não têm a mesma significação em todas as épocas e em todas as culturas.

Para Scott (1986, p. 1054), o termo “gênero”, no seu uso mais recente, parece ter surgido com as feministas americanas que insistiam na qualidade social das distinções baseadas em sexo. Assim, “the word denoted a rejection of the biological determinism implicit in the use of such terms as 'sex' or 'sexual difference’”¹. Esse termo também foi usado por aqueles que acreditavam que os estudos feministas focavam, de maneira estreita e

¹“a palavra denota rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença

separada, apenas as mulheres, introduzindo uma noção relacional, na qual homem e mulher eram definidos um pelo outro e o entendimento de um não poderia ser alcançado através do seu estudo separado.

De acordo com a autora, existem duas facetas do uso do termo “gênero”. Na primeira, “gênero” equivale à “mulher” e diz respeito à aceitação desses estudos na academia, pois parece mais neutro do que termos como “história das mulheres”. A outra faceta é a assumimos aqui: o estudo da mulher implica o estudo do homem (e vice-versa, obviamente). É esse uso que suporta a ideia de que gênero é o que designa as relações sociais entre os sexos. Nesse sentido, o uso desse termo rejeita terminantemente explicações biológicas (“biologia é o destino”, como diz Butler (2003, p. 24), tais como as que justificam a subordinação feminina ao homem². Nas palavras da autora:

gender becomes a way of denoting “cultural constructions”- the entirely social creation of ideas about appropriate roles for women and men. It is a way of referring to the exclusively social origins of the subjective identities of men and women. Gender is, in its definition, a social category imposed on a sexed body. (SCOTT, 1986, p. 1056).³

No debate sexo vs gênero, Butler (2003, p. 25), problematiza a relação do sexo com a natureza e do gênero com a cultura, pois “se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo”. A proposta da autora é entender gênero como “meio discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25). Ou seja, a construção do gênero envolve a naturalização do sexo, como se este pudesse existir independentemente de uma concepção binária de homem/mulher, masculino/feminino. Acreditamos que Bourdieu (1998, p. 23) vai ao encontro dessa ideia ao afirmar que “le monde social construit le corps comme réalité sexuée et comme dépositaire de principes de vision e de division sexuants. Ce programme social de perception incorporé s'applique à toutes les choses du monde, et en premier lieu au corps lui-même”⁴.

□ 2.2 Gênero como categoria de análise

sexual'. (Tradução livre)

²É o argumento utilizado por Simone de Beauvoir (1976), para afirmar que os atributos biológicos dos homens e das mulheres não fazem sentido a não ser quando sustentados por outras referências.

³“o termo 'gênero' torna-se, antes, uma maneira de indicar as 'construções sociais' – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuada.”(Tradução da versão brasileira)

⁴“o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão que sexuem. Esse programa social de percepção incorporada se aplica a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar ao próprio corpo.” (Tradução livre)

Scott (1986, p. 1057) denuncia os usos descritivos de gênero, que se aplicam apenas às áreas envolvendo relação entre sexos, deixando de lado uma variedade de assuntos em que uma análise baseada em gênero poderia ser produtiva. É necessário ampliar o espectro de assuntos, com especial destaque àqueles que podem fornecer novas perspectivas sobre questões antigas. É o caso do nosso estudo, pois acreditamos que ler Platão buscando entender como se dá a construção de gêneros pode contribuir tanto para o maior entendimento deste autor quanto para os debates atuais sobre gênero.

A ideia que nos guia na análise é a de que “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos e [...] estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas “ (BUTLER, 2003, p. 20). Além disso, a partir da concepção de gênero da autora, discutida acima, torna-se importante refletir sobre o seguinte aspecto:

quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2003, p. 24-25)

Assim, embora em um primeiro momento nosso objetivo seja a análise da relação sexo/gênero em Platão, a própria análise nos leva a um segundo momento, no qual expandimos o conceito de gênero para discutir a relação entre guardiões (onde estão incluídos tanto homens quanto mulheres) e escravos, estes sim identificados a um papel feminino na dinâmica da dominação masculina.

□3 Platão

□3.1 Sexo e gênero em Platão: por uma educação igualitária?

No início do Livro V de A República, através da voz de Adimanto (R. V449) fica claro que para a *doxa* ateniense da época as mulheres têm como única atividade possível a procriação e os filhos a de receber educação, dada a sua natureza. Conforme afirma Beauvoir (1976, p.113-117) faz parte da dominação masculina a redução da mulher a um estado animalesco no qual cabe a ela apenas a reprodução, enquanto ao homem tocam os projetos existenciais – que culminam evidentemente com a política –, sacralizando toda a sua atividade (caça, pesca, guerra), tendo a mulher participação apenas nas festas para render-lhe tributo.

Notamos que Platão, partindo da natureza dos animais, começa a demonstrar que não há diferenças naturais entre o masculino e o feminino: “as fêmeas dos cães de guarda,

entenderemos que devem exercer vigilância com eles, como os machos, e caçar com eles, e fazer tudo o mais em comum” e, portanto, “tem de se lhes dar a mesma instrução” (A República, V451). Platão mostra, desta maneira, que a diferença do papel social da mulher em qualquer *polis* não se dá em função do sexo, mas em função do gênero, e por isso trata da questão da educação como fundamental para não se afastar da natureza do *anthropos* (homem). O parágrafo a seguir deixa isso claro:

Portanto ... se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no fato de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções. (Rep. V 454d-e)

Em diálogo posterior, Platão mantém a sua posição, dizendo que “não há argumentos que me levem a desistir do propósito de exigir que, na educação como em tudo o mais e na medida do possível, a mulher se iguale ao homem em matéria de exercícios” (Leis VII 805c-d). Voltando portanto à natureza do homem, vemos que não há diferença entre o masculino e o feminino e que, portanto, uma educação igual a todos não se afasta da sua natureza, mas “as leis atualmente existentes é que são antes contra a natureza” (A República, V456). Deve-se ter sempre em conta, no entanto, a índole de cada indivíduo, independentemente do seu sexo para bem preparar-lhe para a sua vida na *polis*.

Jaeger (1995, p. 815) nota que esses aspectos igualitários referem-se apenas às mulheres pertencentes à classe dos guardiões, ou seja, à elite, e que isso não se estenderia a toda a população trabalhadora que manteria as relações conjugais tradicionais, educação tradicional, etc. Essa dualidade elite/massa é realizada na Idade Média através do celibato clerical, segundo o mesmo autor. Ao mesmo tempo que notamos uma continuidade de relação dominação masculino/feminino na relação guardiões/povo, há de se assinalar o caráter inovador da proposição platônica haja vista que ainda nos dias atuais, as mulheres estão ainda hoje submetidas à condições de desigualdade que são ainda mais acentuadas em classes mais altas⁵.

A única característica biológica importante no papel da mulher na sua *polis* apontada por Platão seria a “debilidade do seu sexo”, quando comparada com o sexo masculino, que é “mais robusto”. Conforme de Beauvoir (1976), essa ideia é discutível, pois o desenvolvimento físico da mulher está intimamente ligado à sua educação (do ponto de vista de atividades físicas).

⁵Segundo notícia na Folha de São Paulo de 8 de março de 2010, a diferença salarial entre homens e mulheres é acentuada quando comparam-se homens e mulheres com mais anos de estudo.

Cabe considerar que em Leis, Platão retrocede em alguns aspectos na igualdade na educação entre homens e mulheres, como é o caso da música, por exemplo:

Será oportuno, também, distinguir os cantos de acordo com a maior ou menor conveniência para homens ou para mulheres, segundo características próprias, para o que teremos de adaptá-los ao ritmo e à melodia...(…) É preciso, também, conferir a cada sexo que a necessidade impõe: mas, no que toca às mulheres, importa distinguir de acordo com as *características naturais do sexo*. Assim, teremos de considerar como mais indicado para o sexo masculino o que tender para a magnanimidade e a coragem, e deixar para a mulher o que sugere modéstia e temperança, tanto na lei como em nossa exposição.(Leis 802d-803) (grifos nossos)

Apesar disso, preferimos enfatizar neste estudo a abertura para igualdade na formação que é inaugurada e mais marcada no livro V de A República.

Sobre o aspecto da fraqueza das mulheres, Beauvoir (1976, p. 76) afirma que “quand dans cette appréhension le plein emploi de la force corporelle n'est pas exigé, au-dessus du minimum utilisable, les différences s'annulent”⁶. E complementa dizendo que “là où les mœurs interdisent la violence, l'énergie musculaire ne saurait fonder une domination”⁷. Isso mostra o equívoco de Platão ao negligenciar que a força ou fraqueza só o são enquanto pensadas dentro de um projeto existencial.

O excerto a seguir deixa muito claro o quanto o conceito de fraqueza é uma construção cultural mesmo que muitas vezes apreendida como biológica até mesmo pelas mulheres:

The more I was treated as a woman, the more woman I became. I adapted willy-nilly. If I was assumed to be incompetent at reversing cars, or opening bottles, oddly incompetent I found myself becoming. *If a case was thought too heavy for me, I found it so myself.*⁸ (MORRIS, apud BORDIEU, 2002, p. 88) (grifos nossos)

□3.2 Pelo bem da *politeia*: a masculinização absoluta

Todo o raciocínio desenvolvido não ocorre senão visando o bem da cidade (A República, V457a-e), ideia que está presente em todo o texto, desde o momento da refutação dos argumentos de Trasímaco no Capítulo I. Neste momento, cabe uma comparação com o pensamento de Maquiavel (2008) que, assim como Platão, ao romper com a tradição e os costumes da sociedade em que vive, busca unicamente o melhor para a *polis* ou para o

⁶“na apreensão [do mundo] onde o pleno emprego da força corporal não é exigido, acima do mínimo necessário, as diferenças [entre homens e mulheres] se anulam” (Tradução livre)

⁷“onde os costumes proíbem a violência, a força muscular não seria capaz de fundar uma dominação” (Tradução livre)

⁸“quanto mais eu era tratada como mulher, mais mulher eu me tornava. Bem ou mal, eu me adaptei. Se deduziam que eu era incapaz de dar marcha a ré ou abrir garrafas, estranhamente eu me via tornando-me incapaz. Se se pensava que uma mala era pesada demais para mim, eu também o achava. (Tradução livre)

Príncipe. Outro pensamento bastante semelhante está em Rousseau, ao acreditar que a organização da *polis* (da sociedade, no caso do pensador francês) deva respeitar a natureza do homem.

Ao tratar da união sexual, Platão, através da voz de Sócrates diz que

estas mulheres todas serão comuns a todos esses homens, e nenhuma coabitará em particular com nenhum deles; e, por sua vez, os filhos serão comuns e nem os pais saberão quem são os seus próprios filhos, nem os filhos, os pais. (A República, V457 a-e)

Mas tal proposição que, em princípio parece libertária tanto das relações eróticas como das familiares, pouco a pouco se demonstra extremamente controladora da vida sexual dos cidadãos, reduzindo o ato sexual à atividade reprodutiva, sujeita unicamente aos interesses da *politeia*. Cabe ao governo escolher quem serão os melhores pares, como também escolher os melhores filhos, deixando os defeituosos “escondidos num lugar interdito e oculto” (A República, V 460). Se é fácil encontrar uma descrição dos tiranos do século XX no Livro IX, não seria menos difícil ver a congruência de tal ideia com os guetos nazistas.

Além de ser bom, por respeitar a natureza, o impedimento da união de um homem único com uma única mulher visa um projeto de educação que privilegia o bem comum, na medida em que os indivíduos desconheciam a propriedade privada e que tudo fosse coletivizado. Se todos chamarem de “meu” as mesmas coisas (A República, V464), aí está um motivo de união entre todos e não de discórdia, e toda *polis* “se regozijará ou se afligirá juntamente com ele” (*idem*, V462).

A tentativa de formar uma elite homogênea através da educação nas diferentes áreas do ensino grego clássico parece libertar a mulher da dominação masculina, se não atentarmos para a sujeição do homem a essa mesma dominação. Segundo Lauretis (1994, p. 216) “se o sistema sexo-gênero (...) é um conjunto de relações sociais que se mantém por meio da existência social, então o gênero é efetivamente uma instância primária de ideologia, e *obviamente não só para as mulheres*” (grifos nossos). Nas palavras de Bordieu (2002, p. 98) “*la structure impose ses contraintes aux deux termes de la relation de domination, donc aux dominants eux-mêmes*”⁹.

É a passagem da mulher ao outro lado da relação de dominação a que chamamos de masculinização absoluta proposta por Platão no seu livro V de A República. Se aparentemente há uma dissolução da relação de dominação masculino/feminino é por falta de atenção ao não dito no texto platônico. Como já dito anteriormente, o livro V se refere à formação da classe dos guardiões, a elite da *politeia* ideal platônica e nada é dito sobre a formação das outras

⁹“A estrutura impõe as suas restrições aos dois termos da relação de dominação, portanto aos próprios dominantes.” (Tradução livre)

classes. Ora, é muito claro que a formação dos demais cidadãos e dos escravos simplesmente não existe no modelo platônico e a relação de dominação cidadãos/escravos corresponderia à relação masculino/feminino. Como consideramos que o gênero não depende necessariamente do sexo, não vemos problema em ter uma mulher masculina, como é o caso da guardiã platônica, ou de um homem feminino, como é o caso do escravo estrangeiro à educação na *politeia*.

□4 Comentários finais

A partir da breve discussão apresentada acima, constatamos que a categoria de gênero mostrou-se produtiva quando aplicada ao texto platônico. Em especial, ela permitiu-nos perceber que as relações de gênero, quando dissociadas do sexo e ampliadas levando em consideração as relações de poder em uma sociedade, podem manter-se constantes mesmo com uma aparente mudança.

A organização social da *politeia* proposta por Platão abre as portas para a possibilidade de se pensar a uma formação igualitária entre homens e mulheres, ponto que acreditamos ser bastante relevante na quebra do paradigma patriarcal do mundo grego. No entanto, através de uma abordagem dialética de cunho materialista, fica evidente que a dominação masculina não deixa de existir, apenas encontra outras formas de realização que escapam ao domínio sexual *stricto sensu*.

5 Referências

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe I*. Paris: Gallimard, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Gallimard, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Tradução: Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 2003.

JAEGGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. (Trad. Artur M. Parreira). Martins Fontes: São Paulo, 1995 (p. 812 - 817)

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução: Maria Júlio Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2009.

THÉBAUD, Françoise. *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. Paris: ENS Éditions, 2007.

ⁱ É Engenheiro de Alimentos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), mestrando em Administração do Setor Vitivinícola pela Universidade Paris X e pós-graduando em Ética e Filosofia Política pela Universidade de Caxias do Sul. Seus temas de interesse em pesquisa são: ética, filosofia política, relações simbólicas e de poder e estudos de gênero. E-mail: – juliocesar@kunz.com.br

ⁱⁱ É licenciada em Letras – Português/Inglês pela Universidade de Caxias do Sul (2007) e mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com bolsa da CAPES. Atualmente, é professora de língua inglesa do Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul. Pesquisa os seguintes temas: linguística, teorias da enunciação, linguística aplicada ao ensino de língua estrangeira e crítica de gênero. E-mail: elisa.stumpf@gmail.com